CORREIO POPULAR

Publicado em 23/07/2023 - 05:53

Ofertas de vagas em creche está garantida até 2030, afirma Luiz Dalben

Luis Eduardo de Sousa
luis.reis@rac.com.br

Kamá Ribeiro

Sumaré se antecipou às demais cidades do país e criou um comitê de crise para combater a pandemia de covid-19 ainda em 12 de janeiro de 2020

ENTREVISTA

Luiz Dalben celebra os 155 anos de Sumaré

Município faz aniversário na quarta-feira; prefeito promete inaugurações

O prefeito de Sumaré, Luiz Alfredo Dalben (Cidadania), se mostra um profundo amante da cidade. "Alguém pode amar muito o município, mas não mais que eu". Nascido no bairro Matão, Dalben cresceu por lá e, mesmo sendo eleito prefeito em 2016 e reeleito em 2020, não abandonou as origens. Vive no local até hoje.

Na plenitude de seus 33 anos, o jovem prefeito traz consigo a tradição que a família carrega na política sumareense. Seu pai, Dirceu Dalben, foi vereador na cidade e atualmente ocupa uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), pelo mesmo partido do filho.

Seu avô materno, Alfredo Ruzza, foi o primeiro da família a se envolver com política, liderando movimentos de bairro na região do Matão, entre as décadas de 80 e 90, para reivindicar uma infraestrutura básica - pavimentação, saneamento e saúde - e, posteriormente, ocupando uma vaga na Câmara Municipal da cidade.

Hoje, apesar de contar com apoio irrestrito do pai, Luiz Dalben se mostra um político independente e moderno, conhecedor de todos os assuntos que envolvem sua administração. Em entrevista concedida ao **Correio Popular**, a convite do presidente-executivo, Ítalo Hamilton Barioni, o prefeito falou sobre saúde, educação, mobilidade e sobre os presentes que a população deve receber no próximo dia 26 de julho, quando o município completa 155 anos.

O senhor é natural de Sumaré mesmo?

Sim, nasci no Matão. Meu registro é de Campinas, mas por causa do cartório. Vivi no Matão a vida inteira.

Há uma impressão de que Sumaré registrou um grande crescimento nos últimos anos. Procede?

Graças a Deus. A chegada de indústrias contribui para desenvolver muito. Temos muitas produções. Por exemplo, a Yara Fertilizantes produz em Sumaré e é a maior fábrica de fertilizantes do mundo. Sai daqui, vai para o Mato Grosso por linha férrea e abastece todo o Brasil, desde o produtor de batatas no Sul até o produtor de cana-de-açúcar no Nordeste. Ao lado dela, tem a (fábrica) de defensivos agrícolas. Sumaré acabou crescendo em razão dessa industrialização. Eu percebo, no entanto, que a questão social foi muito negligenciada entre as décadas de 80 e 90. Iniciou-se o projeto Cura, na divisa com Campinas, iniciou-se o Matão e houve um crescimento exponencial de residências sem infraestrutura. A pavimentação chegou a Sumaré nos anos 90, 2000. Campinas estava praticamente inteira pavimentada e a cidade vizinha aprovava loteamentos sem asfalto, sem rede de esgoto. É muito difícil você administrar uma cidade que nasce desse jeito. Justamente por isso minha família decidiu entrar na política, e meu avô começou a luta de bairros. Ele foi vereador, depois o meu pai, justamente por perceber que os bairros de Campinas, ali na divisa, já tinham asfalto, saneamento, saúde, e no Matão não tínhamos nada.

O Matão fica entre três municípios (Paulínia, Campinas e Sumaré). O senhor acredita que essa peculiaridade pode ter sido um dos fatores que deixou aquela região "órfã", sofrendo com falta de estrutura?

Acho que todas as regiões, com exceção do Centro, sofreram com isso, tanto que Hortolândia se emancipou de Sumaré por conta disso. Não tinha estrutura nenhuma. Se emancipou e virou uma potência. Sumaré foi, historicamente, negligenciada pela Administração Pública em vários setores. O pior resquício disso foi, justamente, a perda de Hortolândia. Eu sou o prefeito que terminou de pagar a dívida de instalação de esgoto em Hortolândia. Quando nasci nem existia a dívida e coube a mim, como prefeito, pagá-la. Sumaré é uma cidade com, digamos, vários distritos. É como se fossem seis distritos de Sousas (em Campinas) formando uma cidade. Tudo é muito longe, não é perto. Aqui em Campinas, quem mora na periferia diz que "vai à cidade" quando vai ao Centro. Em Sumaré, quando as pessoas vão ao Centro, elas dizem que vão a Sumaré, ou seja, a população não tem sensação de pertencimento em razão desse desmembramento da cidade.

Seus estudos iniciais foram feitos em Sumaré?

Não, estudei em Campinas. Comecei a estudar no Castelo e depois mudei para um colégio no (Jardim) Chapadão. Curiosamente, também fiz minha faculdade aqui, em Publicidade e Propaganda.

Como começou o interesse pela política?

No meu caso, foi por causa de um buraco (risos). Eu tinha uma drogaria no Bom Retiro. Bem na esquina, a poucos metros do meu comércio, tinha um buraco que acumulava muita água canalizada da rua, muita mesmo. Em frente tinha um ponto de ônibus e, nos dias de chuva, os carros passavam e molhavam as pessoas, jogavam uma água fedida no povo, que ficava revoltado. As pessoas iam na farmácia e pediam ajuda para poderem se limpar. Quando vejo coisas pequenas a serem arrumadas, fico revoltado. Chamei um vereador que era conhecido no bairro e pedi para ele resolver esse problema, mas ele não fez. Aí fui até o segundo vereador, ele também não fez. Fui ao terceiro e a mesma coisa. Fiquei invocado e pensei: "o cara é vereador e não consegue arrumar um buraco?". Depois, vindo para Campinas todo os dias, para a faculdade, percebi que a cidade não tinha acessos. Eu pegava trânsito todo dia. A via que eu tomava tinha mais buracos que asfalto e, para piorar, colocaram radares. Ali surgiu uma indignação que me jogou para a política. Conversei com meus pais e minha mãe foi completamente contra, disse que seria a perdição da minha vida. E aí, em 2012, fui vice-prefeito, mas não consegui arrumar o buraco nem duplicar a via. Em 2016, disputei a eleição contra a prefeita que estava no mandato e nós ganhamos. Tive 50 mil votos e ela teve 30 mil, diferença de 20 mil. Na época foi a maior diferença em Sumaré, porque as vitórias lá sempre foram apertadas. Agora, já prefeito, coloquei como meta fazer a obra de duplicação da avenida que eu usava (para ir à faculdade). Foi difícil. A área não pertencia ao município. Em 1970, o prefeito perdeu os arquivos e a dona entrou na justiça pedindo indenização. Foi difícil, mas eu fiz. Está lá.

Alessandro Tomss

Filho e neto de políticos, Dalben honra a tradição familiar de ajudar o município

> "Sumaré foi, historicamente, negligenciada pela Administração Pública em vários setores. O pior resquício disso foi, justamente, a perda de Hortolândia. Eu sou o prefeito que terminou de pagar a dívida de instalação de esgoto em Hortolândia. Quando nasci nem existia a dívida"

Existe uma grande diferença entre a vida privada e a pública. Na privada, você faz o que quiser, desde que a lei não proíba. Já na pública, você faz apenas o que a lei permite. Para o público, fica parecendo que o administrador é letárgico, ou seja, demora muito para fazer as coisas. Como explicar para a população? O senhor tenta fazer isso ou não é um problema?

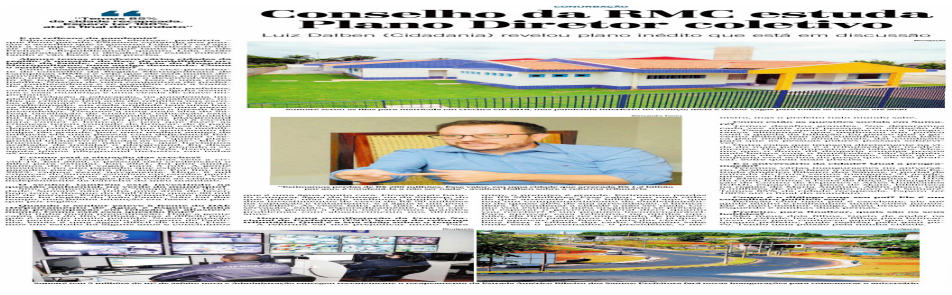
Eu tento fazer, mas temos que entender o outro lado. A moça que faz o café aqui, por exemplo, ela precisa sair às 6h de casa para chegar às 8h no trabalho. Ela já sai de saco cheio do lar, não quer saber das notícias, da política. As pessoas não têm mais tempo. Quando saem do trabalho, às 18h, são mais duas horas para voltar para casa e, aí sim, fazer janta, arrumar o almoço do dia seguinte, arrumar os filhos, lavar a louça. As pessoas se informam hoje pelo WhatsApp. Essa é a maior dificuldade da comunicação. Por isso que estamos trazendo, no aniversário da cidade, as atividades da Prefeitura para as feiras itinerantes. Como que eu me comunico com a pessoa se ela não quer saber? Veja, fizemos uma pesquisa, quando entrei na Prefeitura, para saber quantos pais respondiam o caderno de recados do filho. 92% não fazem isso. Precisamos reaprender como se posicionar nesse mercado para poder falar com as pessoas. Hoje, nas redes sociais, eu falo o que preciso em 15 segundos.

Quando a pandemia começou o senhor era um prefeito jovem, apesar de já ter um pouco de vida política. Como foi viver esse momento? Quais reflexos ainda são sentidos?

Sumaré foi a primeira cidade do Brasil a criar um comitê de crise para combater o coronavírus. Para mim não foi mais fácil que para ninguém, mas acho que conseguimos nos preparar melhor que outras cidades que tiveram dificuldades. Nós tínhamos comitê já em 12 de janeiro de 2020, quando ninguém estava pensando nisso no Brasil. Deus me iluminou naquele dia e criamos um plano, colocando médicos, secretários, diretores de saúde e até a moça da limpeza. Nós fizemos uma operação pensando desde a coleta de lixo até a higienização do transporte que leva a merenda para a escola. Isso nos favoreceu muito. O Hospital Estadual de Sumaré tem 14 mil m². O hospital de campanha tinha 16 mil m². Conduzimos bem a crise.

E como foi na época a relação com governo federal, visto o negacionismo do então presidente (Jair Bolsonaro – PL)?

O governo federal mandou dinheiro para Sumaré, R$ 32 milhões, não nego, mas quis criar dificuldade para os políticos, criar barreiras. A dificuldade de conseguir vacinas, por exemplo. Se não fosse o João Dória, estaríamos lascados. Salvou muitas vidas em nosso país. Se não fosse isso, a nossa dificuldade seria muito maior. O governo federal não encampou a luta junto, faltou naquela esfera o que eu fiz na cidade, mas, como eu disse, o Estado compensou, e, por isso, sou muito grato ao Dória.



Conselho da RMC estuda Plano Diretor coletivo

Luiz Dalben (Cidadania) revelou plano inédito que está em discussão

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.